

GORDOFOBIA NO ESPAÇO ESCOLAR: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL¹

FATPHOBIA IN THE SCHOOL SPACE: A HISTORICAL-CULTURAL ANALYSIS

Valdelice Cruz da Silva Souza² , Josiane Peres Gonçalves² 

RESUMO

Analisando as percepções corporais ao longo do tempo, nota-se que estas sofreram diversas transformações durante o desenvolvimento da humanidade. À vista disto, este estudo tem o objetivo de descrever a trajetória histórica da percepção corporal até o surgimento do preconceito denominado gordofobia que atinge pessoas consideradas acima do peso, especificamente no contexto escolar. A pesquisa de cunho qualitativo se disorre a partir da revisão bibliográfica, tendo como eixo norteador a Teoria Histórico-Cultural que entende o homem em sua totalidade, inclusive, suas relações sociais. Considerou-se que a gordofobia é apreendida como signos, dando sentidos e significados negativos a pessoa gorda, ocorrendo em várias esferas sociais, profissional, econômico, inclusive o escolar, afetando principalmente o sexo feminino e o desenvolvimento das funções psíquicas dos alunos.

Palavras-chave: Contexto Escolar. Gordofobia. Teoria Histórico-Cultural.

ABSTRACT

Analyzing bodily perceptions over time, it is noted that these have undergone several transformations during the development of humanity. In view of this, this study aims to describe the historical trajectory of body perception until the emergence of prejudice called fatphobia that affects people considered overweight, specifically in the school context. The qualitative research is based on the bibliographic review, having as its guiding axis the Historical-Cultural Theory that understands man in his entirety, including his social relations. Fatphobia was considered is perceived as signs, giving negative meanings and meanings to the fat people, occurring in various social, professional, economic spheres, including the school, affecting mainly the female sex and the development of the psychic functions of the students.

Keywords: Context School; Fatphobia; Historical-Cultural Theory.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Autor Correspondente: Valdelice Cruz da Silva Souza
E-mail: valcsouza@gmail.com

Recebido em 05 de Outubro de 2020 | Aceito em 18 de Maio de 2021.

Introdução

O momento histórico atual é cenário fértil quanto aos juízos em relação ao corpo. Há a percepção de que os indivíduos que não pertencem ao arquétipo estabelecido socialmente são ridicularizados, desprezados e criticados devido sua estrutura corporal. Diante da padronização dos corpos, existe uma obsessão excessiva em evitar o corpo gordo a qualquer custo, uma vez que este se encontra estereotipado como doente e feio, simbolizando socialmente, a falta de autocontrole, o que gera uma rigorosa supervisão do corpo.

Este artigo aborda a gordofobia, considerando-a como um fenômeno social existente na atualidade, a qual exerce poder quanto a padronização dos corpos, dando preferência ao corpo magro e criando repúdio a pessoa gorda. Por meio de uma análise histórica, o texto discorre sobre as configurações divergentes referentes a imagem corporal ao longo do tempo, o surgimento da terminologia e o momento em que o preconceito se legitima na sociedade.

Para tanto, a pesquisa de cunho qualitativo, se desenrola por meio de pesquisa bibliográfica, fazendo uso de fontes e referenciais teóricos coletados sob o rigor metodológico necessário (Gil, 2007), ancorada aos princípios da Teoria Histórico-Cultural de Vigotsky, com o objetivo geral de descrever a trajetória histórica das percepções corporais, até o surgimento do preconceito denominado gordofobia e com o objetivo específico de compreender as consequências das ações gordofóbicas no campo social e escolar. A teoria em questão, compreende o ser humano como essência, numa perspectiva de entendê-lo por meio da dialética entre os aspectos: natural, cultural, social, sendo ele participante ativo em seu processo histórico. De início o texto traz algumas considerações sobre os princípios da teoria vigotskyana, que ressalva a importância de analisar o ser humano de forma aprofundada, vinculada a história e o dinamismo social, englobando o particular, o singular e o universal como elementos básicos para entender essa dinâmica.

A respectiva teoria enfatiza a importância de lançar olhares profundos e analíticos ao ser humano, rejeitando análises fracionadas ou apartada da história e do contexto social. Considera-se também, a síntese como base das investigações voltadas ao entendimento das especificidades humanas.

Tendo em mente a proposição de que o ser humano é um ser histórico, e que esta história está sempre em movimento, este escrito explana, no segundo momento, os diferentes contextos históricos que possuem diversas

formas de atribuir significados ao corpo, sendo este, o principal elemento alvo da gordofobia. Portanto, fez-se necessário trazer reflexões sobre gordofobia, por meio de literaturas que discorrem o assunto, as quais a evidenciam como uma discriminação doutrinadora e impiedosa na vida dos indivíduos que não atendem ao padrão de beleza atual.

A despeito da gordofobia ser um fenômeno na atualidade e específico na sociedade ocidental, pode-se buscar sua gênese por meio das diversas percepções corporais durante história da humanidade. Com isso, é possível estabelecer uma correlação ao referencial teórico Histórico-Cultural, fazendo um percurso das significações corporais existentes ao longo da vida do homem em sociedade. Percurso esse que ocorre de forma antagônica, ou seja, em certos momentos o gordo é visto em seus dias de glória, símbolo de riqueza, fartura e boa saúde, em outros é tido como problema, sinal de doença e deformidade, simbolizando a falta de autocontrole.

Vale ressaltar que de forma alguma, este texto atenta para a não preocupação com a obesidade, contudo, tende a ponderar os malefícios causados pelo preconceito contra a pessoa gorda.

A temática torna-se relevante, na medida em que se observa que na contemporaneidade, quem não está de acordo aos parâmetros corporais estabelecidos, são discriminados, ridicularizados, sendo constantemente desprezados devido sua aparência corpórea. É importante destacar que a realidade da sociedade brasileira não está em conformidade a padronização dos corpos, isto é, grande parte dos brasileiros são avaliados pela medicina em sobrepeso ou obesos. Entretanto, a gordura corporal vem sendo evitado em uma constante luta, sob uma supervisão severa, devido os predicativos negativos como lerdo, doente e feio.

No terceiro momento, este artigo traz compreensões sobre a gordofobia no contexto escolar e suas possíveis complicações na formação de identidade, da subjetividade e no desenvolvimento das funções psíquicas dos alunos. A escola como uma esfera social tende a refletir a realidade sociocultural a sua volta, o que faz dela um espaço fértil para expansão do preconceito.

Diante dessas perspectivas, essa pesquisa se propõe em traçar uma análise do fenômeno Gordofobia segundo a perspectiva da Teoria Histórico-cultural, mediante análise do percurso histórico dos significados lançados ao corpo, bem como identificar sua ação na vida dos indivíduos, tendo como foco o espaço educacional.

Para tanto, se fez necessário a utilização de literaturas de diferentes prismas, isso é, ponto de vista de diversos autores que discorrem sobre a temática, os quais se pautam em outras vertentes teóricas, mas que também elucidam e propiciam uma clareza quanto ao fenômeno, trazendo possibilidades de respostas a algumas indagações, com a intenção de estabelecer uma aproximação possível com a Teoria Histórico-Cultural.

Espera-se que esse estudo promova novas investigações sobre o tema, colabore com pesquisadores que compartilhem o mesmo interesse, que provoque reflexões referentes ao repúdio, desvalorização, exclusão e mau tratos que assolam a pessoa considerada fora do padrão corporal, e que essa reflexão possibilite uma convivência tolerante, pautada no respeito, reconhecendo as diversidades.

A teoria histórico-cultural como possibilidade de compreender a gordofobia

Entender o ser humano como um ser histórico, como construtor dessa história constituída a partir das relações sociais, é a primícia da teoria Histórico-Cultural (Cosmo & Urt, 2009). Dessa forma, ressalta também, as influências culturais, ao mesmo tempo em que ele intervém nessa cultura (Piatti & Urt, 2014).

Tal afirmativa vai ao encontro da teoria materialista de Marx (Tuleski, Chaves & Leite, 2015), a qual afirma que o ser humano constrói e transforma a natureza (Leontiev, 1978). Embasado no materialismo dialético, Vigotsky fundamenta a Teoria Histórico-Cultural, examinando o sujeito como essência, o qual se apropria do mundo exterior, modificando-o com sua ação em um desenvolvimento dinâmico e dialético.

Na visão de Vigotsky, os seres humanos e sua atividade que dão sentido a sua vida, estão totalmente interligados ao meio social. Portanto, deve-se reconhecer que “[...] as relações sociais de produção devem ser entendidas como unidade de análise, como pedra angular que regula a vida social concreta” (Barbosa, Miller & Mello, 2016, p. 16).

Dessa maneira, é possível explicar as diferentes conotações atribuídas ao corpo no processo histórico, inclusive explica o contexto atual e os significados dados a pessoa gorda, e a ação da gordofobia. Assim, Cosmo e Urt (2009) entram em conformidade quando aludem que para contemplar as especificidades humanas, é necessário enxergar o ser humano além de sua natureza ou de um objeto estanque, pois ele não se atém a um conceito pronto e acabado, devido ao contexto histórico que está inserido.

Nesse sentido, o conceito de homem é histórico, nunca acabado, relacionando-se aos instrumentos que vão sendo produzidos. O homem vai se transformando à medida que transforma e amplia suas potencialidades. O ato de produzir esses instrumentos, por sua vez, produz novas necessidades (Cosmo & Urt, 2009, p. 174).

Sob esse viés, o método investigativo tem como fundamentos, analisar o ser humano em sua totalidade, integrado ao social, corpo e mente e participante do processo histórico e submerso a influência cultural (Freitas, 2003). Por conseguinte, é impossível a tarefa de compreender o ser humano isoladamente, pois ele vive experiências sociais, recria e devolve à sociedade. Por isso que:

Sujeito e sociedade, antes polos separados, são entendidos como interligados e interagindo reciprocamente nos contextos socioculturais, numa perspectiva dialética, segundo a qual o indivíduo se transforma pela cultura e é, também, agente de sua transformação. Supera-se, assim, a dicotomia, o que não implica em negar a existência dos aspectos distintos sem interação, sendo estes tratados de forma dialógica, não havendo uma fusão ou a negação dos polos, mas, sim, o reconhecimento de suas peculiaridades (Silva, 2017, p. 7).

É nesse processo que internaliza e absorve a cultura que o rodeia. Então, numa visão vigotskyana, deve-se considerar o “dinamismo social, pois à medida que se apropriam da experiência acumulada ao longo da história, os homens desenvolvem as capacidades que lhes permitem representar o mundo e agir sobre ele” (Urt & Pereira, 2012, p. 181).

Por este caminho, Barbosa et al. (2016), salientam a necessidade de compreender o meio social, visto que é inconcebível as análises referentes ao homem de forma apartada de um contexto histórico e social. Por isso, se entende que é impossível realizar qualquer discussão sobre a gordofobia de modo fracionado e sem considerar as mudanças dos signos em volta do corpo no decorrer da história da humanidade.

Silva (2017) pondera que o âmbito cultural sozinho não define o desenvolvimento humano, mas oferece regras e estilo de vida que são apreendidas ao longo da vida e que leva para um determinado destino. Dito isto, a teoria vigotskyana é capaz de explorar o singular, o particular e o universal (a grosso modo) a partir do relacionamento do homem e o corpo, sendo o segundo dotado de sentidos em movimento, “assim, o desenvolvimento humano é considerado um fenômeno dinâmico, complexo e em permanente transformação” (Silva, 2017, p. 9).

Considera-se que seja impossível investigar o fenômeno gordofobia, sem apresentar as transformações sociais e culturais que construíram os signos corporais ao longo dos anos. Nesta perspectiva, Vigotsky (2005) explana como centro de sua ideologia, as significações culturais, as quais são responsáveis pela construção do comportamento humano, especialmente a formação de conceitos a partir da apropriação.

Segundo a psicologia cultural, é preciso destacar, em especial, a presença e as características dos recursos semióticos envolvidos nesses processos desenvolvimentais, os quais possibilitam realizar uma análise e compreensão mais adequada tanto do sujeito quanto da cultura (Silva, 2017, p. 6).

Dessa forma, é possível denotar a gordofobia como uma construção social, vinculada aos significados socio-culturais, sendo a síntese para a Teoria Histórico-Cultural, o fecho das implicações sociais, correlacionando o homem e o meio. Entende-se que a apropriação do mundo exterior ocorre pela convivência “[...] no meio social em ativa interação com outras pessoas mediante formas de colaboração e de comunicação” (Núñez, 2009, p. 67), reconhecendo que:

[...] grupos existem porque as pessoas os criam e a atividade de criar o grupo transforma os indivíduos. Indivíduos e grupos estão dialeticamente vinculados. Eles não são a mesma coisa, mas nenhum deles tem qualquer significado sem o outro (Lobman, 2016, p. 137).

Cabe salientar que a teoria Histórico-Cultural, vislumbra a sociedade em constante transformação, dinâmica, num incessante desenvolvimento (Urt & Pereira, 2012). Lançar olhares momentâneos ao ser humano, pode ser um procedimento falho, pois o ser humano “é aquilo que a sociedade de seu tempo tornou possível” (Urt & Pereira, 2012, p. 186), sendo então importante entender a humanidade mediante o caminho histórico, a historicidade dos processos em movimento.

Para Leontiev (1978), a natureza em que o ser humano nasce não basta, por isso há a necessidade da convivência para aprender a ser pessoa. Portanto, é inviável inferir concretizações ao ser humano de forma segmentada, distanciando da correlação entre indivíduo, dinamismo social, universal e o singular, pois um só existe devido à existência do outro.

Vigotsky também apresenta a síntese como possibilidade de entender o desenvolvimento humano a partir da dialética, entre o que já está empregado socialmente e o que é produzido e transformado pelas pessoas, surgindo

o novo. Á vista disso, Freitas (2003) afirma que o psiquismo humano é construído no social e que as funções mentais superiores se formam a partir da interação humana com o meio cultural, bem como a consciência e formas de agir. Então,

Vigotski evidencia sua opção por uma abordagem psicológica comprometida em entender o homem concreto (o ser humano inserido em sua realidade histórica objetiva), reiterando que o psiquismo é - ele também - uma realidade objetiva que pode ser desvelada por meio da compreensão dialética (Romanelli, 2011, p. 203).

A partir da síntese, Vigotsky aponta a atividade humana como trabalho, o que para a Teoria Histórico-Cultural é a essência do desenvolvimento humano, sendo o instrumento gerador de transformações e interação social. O ser humano, ao agir na intenção de suprir sua necessidade e transformar o mundo em sua volta, torna o trabalho a chave para compreender o contexto social.

O trabalho é a atividade que possibilita o ser humano a se transformar, ao mesmo tempo que transforma sua realidade (Rebolo & Bueno, 2014). Por um lado, o trabalho também é visto como mal necessário para sobrevivência, como geradora de sofrimento, mas que pode proporcionar prazer e realização psicossocial. Ambos os aspectos são parte de um único processo e não podem ser desvinculados um do outro.

De acordo com Vigotsky, o homem e sua atividade estão integralmente relacionados ao social, assim, a atividade “é resultado de todas as influências sociais e é um processo essencial na formação da personalidade” (Núñez, 2009, p. 65).

E nesse contexto, o trabalho é visto como “[...] processo dialético, em que o sujeito cria e recria sua consciência, promovendo um movimento social na construção de sua identidade” (Piatti & Urt, 2014, p. 472). Isto nos dá a possibilidade de buscar tentativas de compreender a concepção atual do corpo, a fim de entender o fenômeno gordofobia.

Gordofobia e as diferentes conotações corporais ao longo do tempo

No contexto atual é notável o constante controle sobre os corpos, por meio da padronização corporal. Esse domínio indica que a pessoa deve se adequar ao padrão de beleza exigido pela sociedade, no caso, o corpo magro. De

outra maneira, o fato de não atender a esses padrões, são motivo de discriminações, repúdio, exclusão social, ridicularização, desprezo e olhares críticos a sua imagem (Melo, Farias & Kovacs, 2017).

Nesse sentido, a coerção social que estabelece socialmente um padrão corporal, privilegiando o corpo magro, é designada como gordofobia, nomenclatura usada para definir as discriminações contra pessoa gorda (Rangel, 2018). Neste caso, Silva (2017) assevera que:

Ser gordo em nossa cultura gera repercussões não apenas na expectativa com saúde e mortalidade, mas gera um ambiente de julgamentos e interações que extrapolam qualquer cuidado com a saúde pública e privada. É nesse momento que temos que falar do preconceito, mais especificamente, o da gordofobia (Silva, 2017, p. 68).

A obsessão em evitar a gordura corporal está pautada no binômio magreza/saúde, por meio das afirmações da medicina que estabelece aos indivíduos gordos a se esculpirem como tal. Este fato ocorre porque o “[...] discurso da obesidade como conjuntura pandêmica tem impelido as pessoas ao controle rigoroso dos seus corpos” (Araújo, Coutinho, Alberto, Santos & Pinto, 2018, p. 3). Entretanto, os autores afirmam que tal discurso se relaciona muito mais a estética do que com a saúde propriamente dita, sendo que, um dos principais aspectos que detectam uma doença, é a perda de peso, o que Rangel (2018) explica como ilusória preocupação com a saúde.

Mediante as ações gordofóbicas, cabe salientar que o respectivo modelo corporal requisitado, não representa a realidade dos brasileiros, uma vez que a população brasileira é composta majoritariamente por pessoas consideradas (pela ótica da medicina) acima do peso (Araújo et al., 2018). Silva (2017) ainda argumenta que existe a opressão implícita, isto é:

Os equipamentos públicos, como os meios de transporte, não são feitos para corpos de tamanhos maiores. Carro, ônibus, avião e até mesmo elevadores não existem para pessoas gordas. Os cintos de segurança só vão até certo ponto, o tamanho dos assentos só acomoda até certo peso, há elevadores que definem a quantidade de pessoas e peso máximo, contando que as pessoas pesem em torno de 70 quilos. O que falar das cadeiras que são ou frágeis, ou pequenas demais para determinados corpos? Apesar de milhões de pessoas gordas no país, estas não são reconhecidas e consideradas em espaços públicos adaptados (Silva, 2017, p. 69).

No caso em discussão, a valorização exacerbada do corpo magro e a pseudopreocupação com a saúde, governa as ações discriminatórias, ampliando o olhar negativo à pessoa considerada gorda. Percebe-se então que quando não há conformidade com as determinações sociais, automaticamente ocorre preconceito e exclusão social, o que também se nota nas questões raciais, xenofóbicas, de gênero e pessoas com deficiência (Valim, 2017).

Em seu texto, Silva (2017) faz menção de que o termo gordofobia ainda não é encontrado nos dicionários formais brasileiros. Afirma que as ações gordofóbicas ganham espaço devido ao fato de que na legislação brasileira não há uma lei que defina a gordofobia como crime. As reivindicações legais são em prol aos cuidados igualitários entre os cidadãos pela Lei Nº 10.048 de 8 de novembro de 2000, que inclui o obeso ao direito prioritário. Contudo, esta manifestação não respalda as pessoas que sofrem gordofobia, pois não há punição aos agressores e os meios de se obter algum tipo de proteção e apoio legal contra o preconceito, é por intermédio da lei contra o *bullying*.

Conforme Pereira e Oliveira (2016), as mulheres são as mais supervisionadas quando o assunto é imagem corporal. Desde a infância, a aparência do corpo se torna o centro das atenções no espaço feminino, os investimentos da mídia sobrepõem como modelos de beleza, um corpo magro e curvas delineadas e perfeitas, isto é, “na televisão, tudo que ela vê são princesas magras e ‘perfeitas’ que aguardam a chegada do príncipe encantado” (Pereira & Oliveira, 2016, p. 3). Do mesmo modo, Melo et al. (2017) pontuam que:

O corpo perfeito está na moda e os debates presentes na televisão e comerciais, matérias publicadas em revistas, jornais, internet, bem como outros meios de comunicação, sempre destacam a dieta, a forma perfeita, os medos da gordura e como não engordar e ter um corpo perfeito (Melo et al., 2017, p. 306).

Estes discursos cultivam a ideia de que as mulheres para serem aceitas socialmente, devem buscar a qualquer custo, fazer parte desses padrões, sendo os procedimentos cirúrgicos, uma forma de se adequar ao modelo corporal estipulado socialmente.

Essa popularização da cirurgia tem raízes não somente no discurso médico, mas também em outras ordens discursivas, como a mídia, que iteram a necessidade de ser magra, levando principalmente as mulheres a se submeterem a procedimentos violentos para se adequarem a esses corpos ditos legítimos e padrões (Carvalho, 2018, p. 83).

A nomenclatura gordofobia teve seu uso inaugural pelo movimento feminista que se manifestou no ano de 1960, a fim de reivindicar os direitos das mulheres. Este movimento, trouxe reflexões sobre exigências sociais em relação ao corpo da mulher, em busca de liberdade sobre sua imagem, do mesmo modo para as relações de desigualdade de gênero (Pereira & Oliveira, 2016). A gordofobia refere-se às ações de discriminação de exclusão social e até mesmo de violência, tendo como pivô o peso do indivíduo.

Das diversas facetas preconceituosas que encontramos em nossa sociedade, temos a gordofobia, configurada na aversão ou repulsa ao corpo gordo, que causa um sentimento de raiva e necessidade de afastamento do indivíduo gordo, ou, como no caso das piadas, atravessada pelo discurso debochado, por conseguinte, humilhante (Sampaio, 2017, p. 18).

Vale ressaltar que as concepções corporais que valorizam a magreza são oriundas da sociedade ocidental (Rangel, 2018). Essas concepções nos fazem refletir que, analisar os sentidos e significados lançados ao corpo, cercado-o em um contexto histórico e cultural se torna um processo fundamental para entender as preocupações quanto a imagem corporal na atualidade.

É essa conjuntura histórica que possibilita explicar a gordofobia sob a luz da Teoria Histórico-Cultural, visto que ao reconhecer a historicidade das percepções corporais, especificamente em relação a obesidade, há a possibilidade de compreender a construção cultural do preconceito por meio dos signos, porque o gordo está sendo constantemente instrumento de juízos (Silva, 2017). Nesse sentido, o corpo humano em sua constituição, tanto física quanto biológica, o insere no contexto social, uma vez que lhe é atribuído simbologias e pelo fato de ser um mecanismo que propicia ao indivíduo se situar e interagir no meio em que vive. Para Araújo et al. (2018):

O processo de aversão à configuração corpórea volumosa (leia-se, preconceito/discriminação baseados no peso) desdobra de uma realidade social maior, pautada em conjunturas e ideologias específicas, refletindo atitudes, crenças e valores do tecido social num dado contexto histórico. Portanto, por estar situado na interface individual versus social, o corpo afeta e é afetado pelo movimento das sociedades cambiantes. Por tal razão, isto é, por compor um importante objeto social, a visão sobre o corpo (gordo) ganha centralidade e a sua análise pode revelar muito da história e das relações de uma dada sociedade (Araújo et al., 2018, p. 3).

Por conseguinte, o corpo ocupa um papel imperioso nos processos de apropriação de mensagens culturais coletivas, pois ele “[...] se transforma culturalmente em signo mediador das interações sociais do sujeito, seja através das mensagens culturais enviadas pelos outros, pelas instituições, por elementos da vida cotidiana, seja pelas ações do próprio sujeito no contexto das interações” (Silva, 2017, p. 71).

Um ponto significativo levantado por Silva (2017), é que na contemporaneidade, as denominações corporais contam com discursos conduzidos pela mídia “acerca de conteúdos relacionados ao risco da obesidade, às dietas, a casos de emagrecimento, reeducação alimentar” (Silva, 2017, p. 65), que colaboram para a efetividade da padronização dos corpos e de significados de beleza como signos. Ahlert (2011, p. 10) explica que atualmente, o corpo traz consigo, sentidos multifacetados como “corpo-mídia em absoluta evidência, o corpo-transformação (homossexualismo), corpo-pele, corpo-estética, corpo-instrumento, corpo-mercadoria, corpo-produto, corpo-doença, corpo-manequim, corpo-nu, corpo-vestido, corpo-sarado, corpo-explorado”.

Por esse viés, o corpo magro é apresentado de forma sutil como o mais adequado e, em decorrência dessa representação, “[...] há efetivamente uma influência muito grande da mídia e da indústria do emagrecimento sobre os indivíduos, criando padrões oficiais e midiáticos de beleza e, conseqüentemente, criando a estigmatização daqueles que não se encaixam em tais padrões” (Silva, 2017, p. 65).

Outro ponto ressaltado pela literatura é que essas exigências sociais quanto ao corpo, tende a ter a mulher como principal alvo (Valim, 2017). Nesse quesito, Silva (2017) postula que culturalmente o preconceito age em maior evidência sobre o sexo feminino. Pressupõe-se então que tal afirmativa correspondente ao modelo corporal das mulheres, se legitima por meio dos olhares masculino.

Todas as mulheres são vítimas de certo grau de opressão estética, pois culturalmente o corpo feminino foi elevado a padrões idealizados e irreais como forma de controle e poder de sociedades patriarcais e predominantemente machistas. Com um corpo tão fora dos padrões socialmente estabelecidos, as mulheres gordas são rejeitadas e, quando gostam de si ou têm autoestima, são duramente atacadas e criticadas (Silva, 2017, p. 181).

O corpo humano, para além da biologia, engloba ques-

tões históricas, políticas e culturais. Então, os sentidos e significados referentes ao corpo dependem do período histórico, dos interesses sociais, da cultura e do lugar onde o indivíduo habita. Conseqüentemente, o corpo é considerado um objeto mutável de percepção temporária, sujeitado a modificações a partir da interação com o mundo.

Embora o termo gordofobia seja um tema hodierno, e que não tenha sido o centro de preocupações de Vigotsky, sua compreensão a partir da Teoria Histórico-Cultural se torna possível quando temos em vista as significações inerentes ao corpo, as quais passaram por transformações, adquirindo diferentes configurações, sendo portanto, crucial percorrer o caminho histórico para entender as concepções atuais do corpo e como chegou a ser como é.

Conforme aponta Valim (2017), historicamente na organização da sociedade, e no decorrer do desenvolvimento da humanidade, é possível vislumbrar as diferentes configurações e valores dados ao corpo. De certa forma, pressupõe-se que o corpo humano como parte do dinamismo social, sempre apresentará condições variáveis de sentidos e atribuições, sendo que por meio dele a interação do sujeito com o ambiente exterior é estabelecida, possibilitando, ainda, uma leitura cultural de uma determinada comunidade.

O corpo vai muito além de uma mera ocupação do espaço, por meio dele, infere-se interpretações dos papéis sociais, da cultura, da subjetividade e do modo em que cada sociedade se estrutura. Conforme Silva (2017) o corpo é um mecanismo portador de signos, construídos a partir das relações sociais, atribuindo um olhar político, cultural e social, propício a disputa de poder e dominação, especialmente de gênero.

O corpo informa e se comunica por diferentes meios, seja pelo vestuário, por seu formato anatômico (curvas, volumes, estatura etc.) e por padrões estéticos. Ele está sujeito a regimes de olhar e de dizer da sociedade que criam condições de possibilidade para a sua própria existência e aos modos de atuação social, cultural, estética e política; com isso, reserva-lhe condições de existência para ocupar certas posições e não outras (Valim, 2017, p. 25).

As preocupações corporais não são méritos da sociedade contemporânea (Araújo et al., 2018). Na Grécia Antiga, por exemplo, trazia-se estimativas semelhantes, deslumbrava-se com o corpo delineado e musculoso, atlético, tendo uma concepção de boa forma, agilidade, saúde e fertilidade. Especificamente no campo da filosofia, várias indagações referentes a existência em sociedade eram

vinculadas ao corpo.

Em uma breve e sucinta visão, os grandes filósofos: Sócrates (470 a 399 a.C.), Platão (427 a 347 a.C.) e Aristóteles (384 a 322 a.C.) possuíam abordagens diferentes acerca do corpo. Para Sócrates, o homem era um ser integrado por corpo e alma, esta junção torna-se importante para a interação do indivíduo com o mundo. Na perspectiva de Platão, o corpo servia de aprisionamento para a alma. Já Aristóteles acreditava que as ações humanas eram realizadas em conjunto, em um feixe entre corpo e alma em um processo contínuo. As concepções desses filósofos são a base para a compreensão sobre as diversas concepções de corpo desenvolvidas na formação da sociedade ocidental e como ele adentrou as dimensões históricas, culturais e sociais (Valim, 2017, p. 27).

Já na Idade Média, o sujeito gordo não era apedrejado, pelo contrário, aquele que possuía uma massa corporal volumosa, representava um *status* social plausível, saudável e ostentação riquezas. Assim, “[...] as anatomias maciças eram apreciadas como sinônimo poderio, ascendência” (Araújo et al., 2018, p. 3).

Com base nesses argumentos, fica evidente que em outros momentos da história humana, o indivíduo gordo teve sua notabilidade, pois “[...] o consumo de alimentos era para poucos, nesse período, riqueza e saúde correspondiam à barriga cheia e à corpulência” (Valim, 2017, p. 45). No entanto, essa avaliação modificou-se drasticamente a partir dos séculos XVII e XIX, gerando, então, as preocupações em relação a alimentação.

Precisamente no campo econômico, com o advento da Revolução Industrial, a obtenção de lucros em um curto período de tempo, a agilidade e a versatilidade corporal passaram a ser requisitadas. Estes argumentos foram decisivos na nova organização da sociedade, inclusive na divisão do trabalho, o que faz o capitalismo ser a fonte motora do surgimento da aversão e marginalização dos sujeitos gordos.

Nesse período, o mercado industrial se atém a erradicar o suposto excesso de peso. Atualmente o corpo humano tem sido relacionado a concepção de máquina (Carvalho, 2018), o qual se pode controlar e manipular. Rangel (2018) explica que nessa estância, o ser humano é visto como empreendedor do próprio corpo e o único responsável em se manter no padrão. Com o apoio do discurso da medicina e das indústrias farmacêuticas, a pessoa gorda ganha outra configuração, simbolizando falta de controle pessoal, lerdeza e incompetência de realizar um trabalho rápido e eficaz.

O corpo passa, então, na sociedade do consumo, a ser não apenas um lugar de produção, de labor, de existência pura e simplesmente, mas de consumo. A lógica capitalista focaliza no corpo o desejo de consumo para uma vida mais bem-sucedida, feliz, um olhar que carrega consigo o hedonismo, como se o corpo fosse o único espaço de prazer dos sujeitos (Carvalho, 2018, p. 70).

E nesse desfecho da ascendência capitalista, iniciam-se as ideologias de normatização dos sujeitos, tendo sempre o lucro rápido como meta, caminhando em prol dos interesses do mercado e da classe abastada. À vista disso, as ações gordofóbicas também se inscrevem no ramo profissional.

Conforme Araújo et al. (2018), exceder ao peso significa negligenciar aptidões do mercado de trabalho, bem como falta de qualificação, equilíbrio e autodomínio e, com isso, a pessoa gorda dificilmente terá a oportunidade de ser aprovada em seleções para vagas de emprego e, se acontecer, provavelmente não terá o mesmo salário, visto que “não terá” uma boa desenvoltura em suas atividades.

Fica claro que a sociedade atual, é fruto de uma transformação pautada em se adequar ao modo de vida que enfatiza a agilidade em que o gordo definitivamente não se enquadra e não atende a tais perspectivas. Carvalho (2018) ainda considera que estas transformações, fazem parte de um poder exercido propositalmente pela classe privilegiada em que “[...] permite inferir que ela se dá por estratégias implícitas, principalmente calcadas no discurso, na dimensão de ideologias de grupos particulares” (Carvalho, 2018, p. 12), fazendo da supervisão corporal, uma questão de classes.

Essa afirmativa leva a ratificação de que o gordo não pode cooperar com seu trabalho na sociedade em que vive, surgindo alienação deste, com a essência de sua existência. Nesse quesito, a teoria Histórico-Cultural se torna relevante para explicar as relações do ser humano e o trabalho e a sua alienação social pelo mesmo motivo.

De acordo com Vigotsky & Lúria (1996), o trabalho é a essência da existência humana, o que lhe torna diferente dos outros animais, o que o torna deveras, humano. Sua teoria entende que toda atividade exercida pelo sujeito elucida sua condição social.

Enquanto categoria do método materialista histórico e dialético que fundamenta a Teoria Histórico-Cultural, o *trabalho*, entendido como atividade adequada a um fim, é o que nos faz humanos, uma vez que pe-

las necessidades identificadas, o homem define objetivos, planeja ações para realizá-los e transforma a natureza, ao mesmo tempo em que se autotransforma, humanizando-se. Pelo trabalho são definidas as condições da vida social. Nesse movimento, que é de ordem histórica, as leis biológicas que regiam a vida antes do processo de hominização, são substituídas por leis sócio-históricas. Tal fato define as novas condições materiais, e os meios de subsistência são transformados em novas condições de existência do homem, enquanto ser social (Barbosa et al., 2016, p. 13).

Portanto, entende-se que aqui, a importância do trabalho para a formação da consciência do sujeito e a percepção de si. Neste caso, percebe-se que o capitalismo interfere diretamente no sentido de existência desse sujeito, especificamente se este for considerado fora do padrão corporal, tornando-o alienado ao seu trabalho, em um processo de desumanização, fato esse, que também pode ser considerado uma ação gordofóbica. Diante disso, a pessoa gorda acaba excluída do meio social, perdendo o significado e a essência de si mesma por não exercer uma atividade que dê sentido a sua vida.

Esta eventualidade abre passagem para as discussões entre a temática com a teoria vigotskyana, uma vez que se busca a gênese do fenômeno, isto é, a gordofobia sendo construída socialmente como consequência do capitalismo, do mesmo modo, entrelaçar dentre os conceitos marxistas sobre a força da indústria material que se integra ao psiquismo humano e percepção de si (Elhammoumi, 2016).

No caso, analisar a gordofobia por meio da teoria Histórico-Cultural permite abstrair as diversas concepções relacionadas ao corpo de forma dinâmica e histórica. A vista disso, há também a possibilidade de identificar a presença da discriminação que atribui a incapacidade do indivíduo devido ao seu peso em vários campos sociais, inclusive o educacional.

Contextualizando a gordofobia em âmbito escolar

Tendo em vista que a gordofobia é um fenômeno social, que também se manifesta no campo escolar, ela pode ser relacionada como interposição ao desenvolvimento humano, tanto no campo social, quanto no educacional e cultural, tornando-a um problema da escola, uma vez que pode ser um dos motivos de haver violência e mal estar entre os membros escolares.

À medida que se entente o poder da gordofobia na atualidade em que o gordo não possui produtividade (Rangel, 2018), pode-se afirmar que em qualquer fase do desenvolvimento humano, o preconceito revigora, o que também acontece em qualquer esfera social, como no âmbito escolar.

Compreende-se então que a escola faz parte de um segmento social, a qual engloba a construção simbólica corporal, fazendo com que o ser humano crie uma percepção de si a partir deste quesito. A escola pode ser entendida como um ambiente histórico e dinâmico, apto a transmitir representações e produções de pensamentos humanos que estão em constantes mudanças, como no caso, em ações gordofóbicas. Vale destacar que a escola também está sujeita a estas ações, e que podem levar a situações mais graves como a violência devido às inúmeras práticas de *bullying* entre os alunos.

Desta maneira, convém analisar o desenvolvimento dos estudantes não somente na apropriação de conteúdo, mas também buscar entendê-los em sua totalidade como ser humano que se relaciona e a partir daí se desenvolve. Além de que, “a escola com seus atores, cenários coloridos e em preto e branco precisa ser estudada a partir de seu contexto que é singular, mas que expressa o movimento da cultura e da educação brasileira” (Cosmo & Urt, 2009, p. 200). Sendo assim,

A Teoria Histórico-Cultural de L. S. Vygotsky constitui um referencial quando se pensa na educação como um processo que mobiliza a personalidade integral do aluno na sua formação como sujeito social e histórico. Vygotsky realiza uma verdadeira revolução na psicologia quando aplica, de forma criativa, os princípios do materialismo dialético e histórico, e reformula o objeto de estudo da psicologia em relação aos métodos de abordagem dos processos psicológicos (Nuñez, 2009, p. 17).

Nesse caso, a teoria vigotskyana se torna eficaz neste processo de análise, pois compreende que o natural, o social e o trabalho são os aspectos primordiais e mediadores do trabalho educacional (Elhammoumi, 2016). Considerando que o trabalho dos alunos seja justamente os estudos, e que a gordofobia se configura como *bullying*, e que pode interferir no amplo desenvolvimento de suas funções psíquicas, é possível então analisar a imposição gordofóbica por meio da teoria Histórico-Cultural no contexto escolar, uma vez que, “Vygotsky enfatiza que a dialética opera com categorias abstratas que são válidas para qualquer campo do saber” (Romanelli, 2011, p. 204), desde que haja rigor e clareza no que se pretende contemplar.

A utilização da Teoria Histórico-Cultural para fundamentar a análise da temática, deve-se ao fato de compreender que este referencial teórico seja adequado para entender a singularidade dos sujeitos, por meio do sentido e significado (Caldas & Souza, 2014). Com isso, se pode vincular a relação entre o sujeito e o corpo, julgando que essas categorias, propiciam entrelaçar a história e as experiências dos envolvidos ao longo do tempo, considerando os contextos culturais e sociais que abarcam o cotidiano da escola, o valor das relações que se constituem na escola entre as pessoas para o desenvolvimento psíquico e formação social da mente.

Os conceitos de Vigotsky e de Leontiev sobre sentido e significado, são fulcrais para discussões relativas à gordofobia. O significado estritamente ligado a palavra é a introdução a organização do desenvolvimento da consciência, estabelecido e compartilhado pelos grupos sociais. Em contrapartida, o sentido é “o conjunto dos fenômenos psíquicos suscitados na consciência por um fenômeno, uma palavra ou uma relação” (Caldas & Souza, 2014, p. 19).

Ademais, a tendência social que constrói as definições corporais dos indivíduos é também preeminente nas escolas e “[...] estar acima do peso numa sociedade que valoriza a aparência física e o corpo ideal, significa poder fazer do indivíduo um alvo para discriminações em diversos contextos, sobretudo em idade escolar” (Scutti, Seo, Amadeu, & Sampaio, 2014, p. 130).

Sob a mesma ótica, Barbosa et al. (2016, p. 14) apontam que a teoria vigotskyana e marxista se conversam na medida em que “[...] reportam à educação escolar como atividade particular de mediação da cultura elaborada sociohistoricamente”, fato esse, que interliga a escola com a cultura e a sociedade.

Tal afirmativa pressupõe que a cultura se torna parte da natureza de cada ser humano (Caldas & Souza, 2014), que é visto como um sujeito único, singular e concomitantemente, histórico, que se constitui por meio de uma relação dialética entre a história e o social, e que se apropria do mundo, exclusivamente pela vida em sociedade desde seu nascimento. Pode-se afirmar então que “[...] o homem, ao nascer, encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e toma posse dele” (Caldas & Souza, 2014, p. 19). Portanto,

Para a psicologia cultural, sujeito e cultura se constituem mutuamente. Práticas culturais, crenças, valores vão, historicamente, se definindo no interior das sociedades humanas, e é assim que o fenômeno do preconceito, que é uma espécie de valor, emerge em determinados contextos (Silva, 2017, p. 8).

De acordo com as afirmativas de Vigotsky & Lúria (1996), a cultura é um dos principais aspectos na construção de conceitos durante a infância por meio novas formas culturais que transpõem as experiências sociais, substituindo as formas primitivas anteriores, pois “contexto cultural apresenta um conjunto de normas, limites e sugestões sociais que, de certa forma, tende a canalizar trajetórias de vida e conduzir o desenvolvimento mais na direção de certos caminhos do que de outros” (Silva, 2017, p. 7).

Desta maneira, os escolares que são considerados fora do protótipo da magreza predominante na cultura contemporânea, possivelmente se tornarão alvo de *bullying*, como perseguições, intimidações, exclusão social, agressões e apelidos pejorativos que levam a desmotivação quanto a realização pessoal e até mesmo ao fracasso escolar.

Conforme reportam Silva, Cavalcante, Pinto, Bú & Coutinho, (2017), o *bullying* está posto em evidência, por se tratar de um problema estereotípico, pela proporção em que ocorre na escola. De acordo com o Ministério da Saúde e Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) (2015), uma pesquisa evidenciou que 7,4 % dos estudantes atestaram que foram vítimas de desacatos e transtornos e 19,8% estudantes, confirmaram sua participação em prática de *bullying*. Esta investigação ainda ressalta que 10,9 % das vítimas do *bullying* responderam que entre as provocações, as de referência a aparência corporal, foram os principais motivos de maus tratos.

Dentre os males causados pelo *bullying*, a Lei nº 13.185 de 6 de novembro de 2015, aponta as “consequências a médio e longo prazo pode-se citar maior risco de desenvolver transtornos emocionais como ansiedade, depressão, transtornos alimentares, abuso de drogas e até suicídio”. Além de que:

Na sociedade, um fator importante que gera a exclusão social é o aumento de peso, que se tornou sinônimo de feiura e gera discriminação. As crianças e os adolescentes são os que mais sofrem com esse tipo de violência, que é atualmente denominada *bullying*, caracterizado por comportamentos agressivos e repetitivos feitos intencionalmente, com maior incidência na faixa etária de 11 a 15 anos, podendo ser praticado de forma verbal (como apelidos pejorativos), física (com agressões) ou relacional (exclusão social) (Scutti et al., 2014, p. 131).

Pode-se inferir que o sentido individual da criança, em relações a suas vivências na escola, está ligado a especi-

ficidades psicológicas da sua atividade educativa, geradas pela interação no próprio ambiente escolar (Caldas & Souza, 2014). À medida que tais processos afetam seu psiquê, o sentido pessoal sobre seus corpos então se forma. Consequentemente, o espaço escolar se torna um lugar pertinente para ataques gordofóbicos, pois a escola, sendo uma esfera social, tende a repercutir a realidade da sociedade em que o indivíduo se insere.

Partindo de que o ser humano tem noção de sua existência a partir da vida em sociedade, ele passa pelo processo de apropriação dos julgamentos, as normas e a consciência, dados pelo meio social (Elhammoumi, 2016). Ao encontrar-se inserido em uma sociedade que valoriza a magreza, inevitavelmente, o indivíduo desde cedo dará um sentido ao seu corpo e se apropriará da concepção de que o corpo belo, é o corpo magro.

Assim, o homem, ao nascer, encontra um sistema de *significações* pronto, elaborado historicamente, e toma posse dele; mas o modo como este homem se apropria ou não, e em que grau assimila ou não determinada significação, ou o efeito que este significado tem em sua personalidade, dependem do *sentido* pessoal atribuído por ele (Caldas & Souza, 2014, p. 19, grifo do autor).

Por esse viés, Vigotsky argumenta que a personalidade humana se constitui por meio das relações sociais, fato que ocorre desde a puerícia e perpassa por toda fase do desenvolvimento humano. Em relação ao cognitivo, é nessa fase que o ser humano assimila aspectos mais complexo, organiza e elabora concepções.

A fase dos *complexos* possui um longo percurso, caracterizando a formação de conceitos desde o término da primeira infância até o início da adolescência, compreendendo, portanto, muitas variações funcionais e estruturais. O pensamento nessa fase, da mesma forma que nas demais, visa o estabelecimento de conexões entre diferentes impressões concretas, o estabelecimento de relações e generalizações de objetos distintos, implicando o ordenamento e sistematização da imagem psíquica (Martins, 2016, p. 114).

Com base nessas implicações do desenvolvimento humano e a complexidade na dinâmica educacional, pode-se assegurar que não estar dentro dos padrões de beleza no espaço escolar, pode ser um problema. Compreende-se que a escola faz parte dos domínios sociais, colaborando para a constituição histórica do sujeito, o qual cria percepções acerca de si a partir da vida em sociedade, uma vez que as necessidades escolares são condicionadas pela

sociedade aos participantes dos grupos e culturas (Núñez, 2009).

Portanto, na escola o ensino é projetado aos alunos a fim de satisfazer necessidades sociais, no caso, as adequações sociais quanto ao corpo, também faz parte deste ambiente. Neste sentido, Ahlert (2011) menciona que o princípio da escola se refere a formação humana, em que sociedades distintas buscam dar significados a visão de mundo. Desta forma, a escola se estabelece em prestar serviço de manutenção ou transformação do homem. Por esse motivo, entende-se que a escola possui o poder de provocar mudanças no comportamento humano, além de ser capaz de desenvolver ações para que essa transformação ocorra, tendo importante papel na luta contra aversões e preconceito, isto é:

Todo o processo de construção de conhecimento, de ensino-aprendizagem, de educação formal e informal, de educação técnica e científica deveria incorporar a promoção e a inclusão de todos e de tudo, o que significa desconstruir o conceito sedutor de qualidade, intrínseco ao mundo sistêmico, desconectado do mundo da vida, e construir um horizonte de qualidade total de vida (Ahlert, 2011, p.2).

Então, a escola pode ser vista como um espaço histórico e dinâmico, propiciando a transmissão de signos e produções de pensamentos humanos que estão em constantes mudanças, inclusive, conotações corporais que pode desencadear ações gordofóbicas.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo, descrever a trajetória histórica das percepções corporais, até o surgimento do preconceito denominado gordofobia e com o objetivo específico de compreender as consequências dos ações gordofóbicas no campo social e escolar. Com isso, foi possível visualizar as atribuições negativas dado ao corpo na atualidade, as discriminações e exclusão sociais vivenciadas por indivíduos em vários contextos sociais como no mercado de trabalho e especificamente no contexto escolar, devido sua massa corpórea.

As evidências são claras quando afirmam que sempre ocorreram olhares críticos quanto ao corpo humano. Seja qual fosse o contexto histórico, o corpo sempre esteve como alvo de preocupações, principalmente no que tange a imagem corporal. Entretanto, estes os olhares nem sempre tiveram a mesma conotação, outrora, quanto mais massa corporal, maior seria o *status* de poder social do indivíduo, em contrapartida hoje, no que diz respeito

a sociedade ocidental, a gordura corporal se encontra em decadência, possui estereótipos de fraqueza pessoal, de deformidade que deve ser evitado, os quais os indivíduos se apropriam como signos por meio da cultura.

Diante disso, as reflexões foram relevantes para compreender os significados dados ao corpo no decorrer da construção da história da humanidade, pois o corpo carrega em si, a história humana, a cultura e idealismos. Tendo em mente o dinamismo histórico e que a construção da percepção corporal é constituída por meio da cultura e da vivência social, foi possível entender que o ser humano como um ser histórico que é produzido pela cultura ao mesmo tempo em que a produz. Dessa forma, evidenciou-se que a pessoa quando inserida em um contexto que abomina a pessoa considerada gorda, prontamente será ensinado no processo de formação humana, a também repudiar, dando sentido negativo e aversivo este modelo corporal.

Dessa forma, considera-se que a gordofobia faz parte de uma construção humana, produzida por meio dos significados sociais referentes ao corpo, significados estes, advindos principalmente após a Revolução Industrial, numa visão capitalista, de que a pessoa gorda não possui agilidade e um desenvolvimento adequado em suas tarefas, portanto não contribuem para o lucro imediato.

Para finalizar a discussão, ressalta-se que as ações gordofóbicas, que estão engendradas na sociedade, se pautam nos discursos médicos, em que a gordura corporal é sinônimo de doença. Aproveitando deste discurso, a mídia divulga ideologias que enaltecem a magreza como símbolo de boa forma, e com isso o preconceito se legitima na sociedade afetando principalmente o sexo feminino. As discriminações também se estabelecem nas escolas como *bullying*, onde os alunos que não atendem ao padrão corporal sofrem intimidações e exclusão social.

Referências

- Ahlert, A. (2011). Corporeidade e educação: o corpo e os novos paradigmas da complexidade. *Revista Iberoamericana De Educación*, 56(1), 1-13. <https://doi.org/10.35362/rie5611546>.
- Araújo, L. S., Coutinho, M. P. L., Alberto, M. F. P., Santos, A. M. D & Pinto, A. V. L. (2018). Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia. *Psicol. estud. Paraná*, 23(1), 1-17.
- Barbosa, M. V., Miller, S & Melo, S. A. (2016). Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar. São Paulo: Cultura Acadêmica.

- Caldas, R. F. L. & Souza, M. P. R. (2014). Recuperação escolar: uma análise crítica a partir da Psicologia Escolar. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, 18(1), 17-25.
- Carvalho, A. B. (2018). Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas [Dissertação de Mestrado em Letras] Universidade Federal de Viçosa.
- Cosmo, N. C & Urt, S. C. (2009). As contribuições da psicologia da educação para a escola: um estudo da produção científica da ANPED e da ABRAPEE. *InterMeio*. Campo Grande, 15(30), 183-201.
- Elhammoumi, M. (2016). O paradigma de pesquisa histórico-cultural de Vygotsky: a luta por uma nova psicologia. Em Barbosa, M. V., Miller, S., Melo, S. A. (Orgs). *Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Freitas, M. T. A. (2003). A pesquisa na perspectiva sócio-histórica: um diálogo entre paradigmas. 26ª Reunião Anual da Anped. Poços de Caldas Novo Governo. *Novas Políticas?: CD-ROM*, 1, 1-14.
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). *Pesquisa Nacional de Saúde Escolar*, Rio de Janeiro, Brasil. p. 71.
- Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000. *Dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e dá outras providências*. Brasília.
- Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. *Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)*. Brasília.
- Leontiev, A. N. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Horizonte.
- Lobman, C. (2016). Três Dialéticas e Ambientes Sociais Terapêuticos de Aprendizagem. Em Barbosa, M. V., Miller, S., Melo, S. A. (Orgs). *Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Martins, L. M. (2016). A internalização de signos como intermediação entre a psicologia histórico cultural e a pedagogia histórico-crítica. Em Barbosa, M. V., Miller, S., Melo, S. A. (Orgs). *Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Melo, F. V. S., Farias, S. A & Kovacs, M. H. (2017). Estereotipo e Estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. *Organização e Sociedade*. Salvador, 24(81) 305- 324.
- Núñez, I. B. (2009). *Vygotsky, Leontiev e Galperin: formação de conceitos e princípios didáticos*. Brasília: Liber Livro.
- Pereira, B. B & Oliveira, P. P. (2016). Gordofobia, mocinha só magrinha: valores do corpo feminino nas telenovelas. *INTERCON- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. São Paulo. portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1719-1.pdf.
- Piatti, C. B & Urt, S. C. (2014). As narrativas na pesquisa em educação: questões que suscitam. *Revista Contrapontos*. Itajaí, 14(3), 464-478. <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/4762/3673>.
- Rangel, N. F. A. (2018). O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados. [Dissertação Mestrado em Sociologia Política] Universidade Federal de Santa Catarina.
- Rebolo, F & Bueno, B. O. (2014). O bem-estar docente: limites e possibilidades para a felicidade do professor no trabalho. *Acta Scientiarum. Education*. Maringá, 36(2), 323-331.
- Romanelli, N. (2011). A questão metodológica na produção Vigotskiana e a dialética marxista. *Psicologia em Estudo*. Maringá, 16(2), 199-208. <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a03v16n2.pdf>.
- Sampaio, F. A. (2017). Gordofobia: as vozes da opressão no gênero piada. *Campina Grande*, (2018). [Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Letras - com habilitação em Língua Portuguesa] Universidade Estadual da Paraíba.
- Scutti, C. S., Seo, G. Y., Amadeu, R. S & Sampaio, R. F. (2014). O enfrentamento do adolescente obeso: a insatisfação com a imagem corporal e o bullying. *Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba*, 16(3), 130-133. <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/15188>.
- Silva, M. O. (2017). *Corpo, cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia*. [Tese de Doutorado em Processos de desenvolvimento humano e saúde Instituição de Ensino] Universidade de Brasília.
- Silva, K. C, Cavalcante, J. G., Pinto, A. V. L., Bú, E & Coutinho, M. P. L. (2017). *Bullying e depressão no contexto da adolescência: uma revisão sistemática*. Em Coutinho, M. P. L. (org). *A psicologia e sua interface com a saúde*. João Pessoa: Editora IESP.
- Tuleski, S. C., Chaves, M & Leite, H. A. (orgs). (2015). *Materialismo histórico dialético como fundamento da psicologia histórico-cultural: método e metodologia de pesquisa*. Maringá: Eduem.
- Urt, S. C & Pereira, C. S. (2012). Educação escolar e aprendizagem na sociedade capitalista. *Educativa*. Goiânia, 15(2), 173-190.

Valim, C. C. (2017). Moda plus size em governamentalidade: (in)visibilidades sobre o corpo da mulher gorda na contemporaneidade brasileira. [Dissertação Mestrado em Letras] Universidade Estadual de Maringá.

Vigotsky, L. S & Luria, A. R. (1996). Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas.

Vigotsky, L. S. (2005). Pensamento e Linguagem. Trad. Nelson Jahrgarcia. Edição Ridendo Castigat Mores.